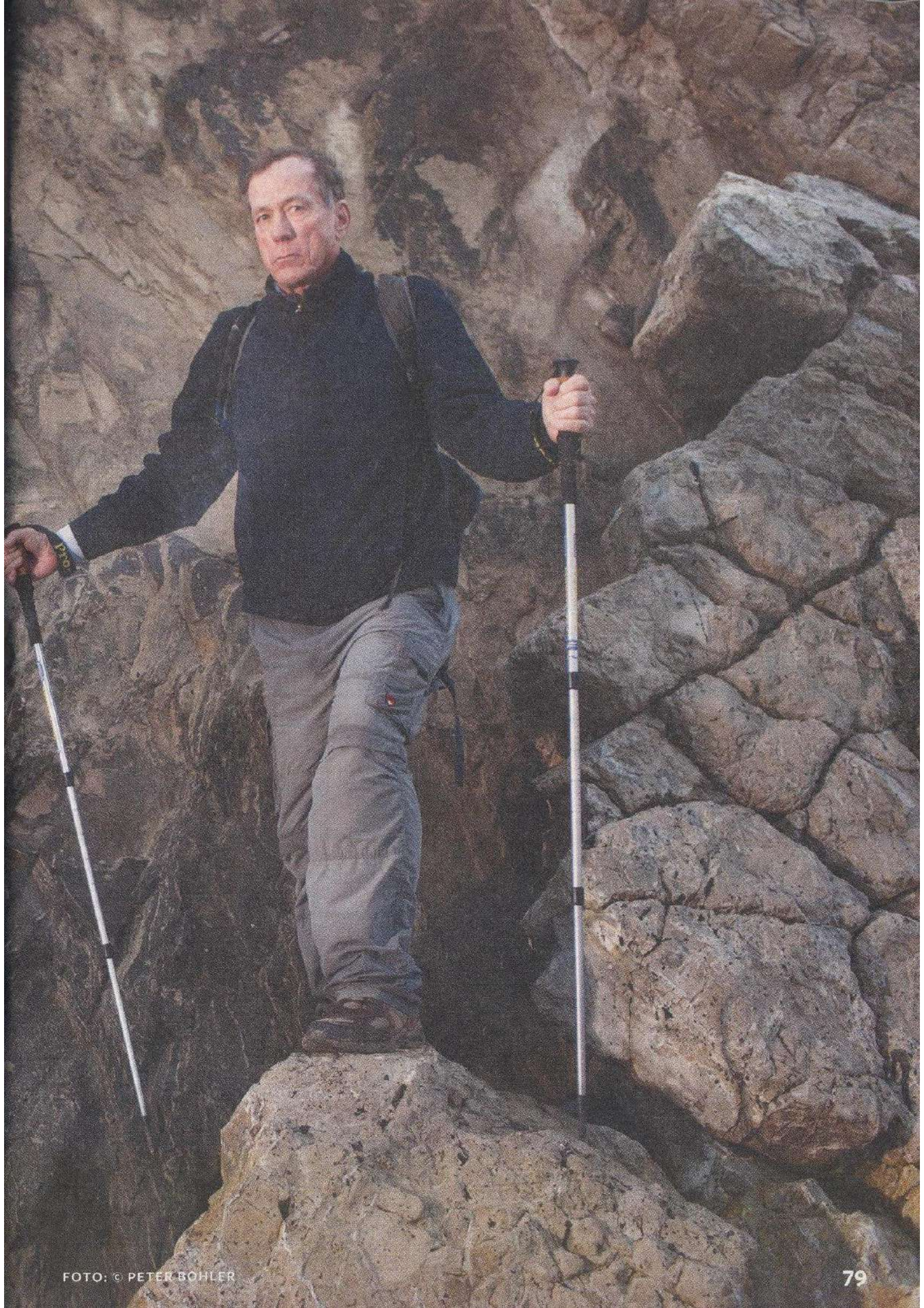
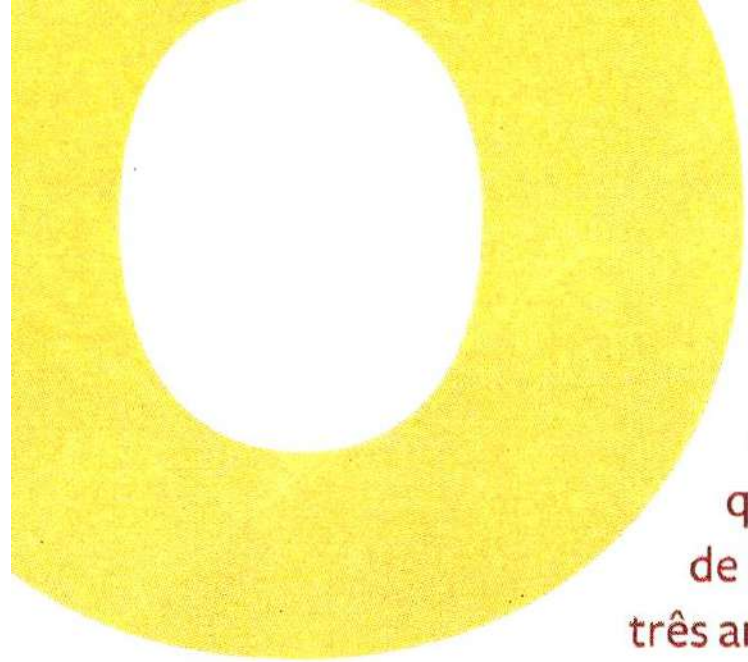


PRONOS NO AB

O que
salvou Larry
Bishop de
uma queda
de cem
metros num
abismo da
Califórnia
foram as
pontas dos
dedos – e
a vontade
de viver

POR KENNETH MILLER





PICO DE DOGTOOTH, na Floresta Nacional de Sierra, na Califórnia, eleva-se 3.140 metros acima do nível do mar, projetando-se das rochas circundantes como uma mão que se ergue para o céu. Numa manhã de quinta-feira de julho do ano passado, três amigos começaram a escalada, par-

tindo do lago na montanha, onde haviam acampado na segunda noite da viagem. O grupo não se assustou com o trecho de três quilômetros em zigue-zague até a base do pico. Mas a difícil caminhada de 200 a 300 metros até o topo era outra história.

Quando o trio fez uma curva e viu a subida rochosa rumo ao cume, a mais velha deles, Birde Newborn com 72 anos, deu meia-volta. Ela sofria de problemas cardíacos e não queria se forçar além dos limites. Os companheiros Larry Bishop e Cerena Childress avançaram mais cem metros até o último penhasco antes do ápice elevado do Dogtooth. Pararam debaixo de um cedro contorcido pelo vento para contemplar os últimos cem metros, que exigiam uma caminhada perigosa sobre pedregulhos enormes.

Para Bishop, especialista em materiais de risco aposentado pelo Corpo de Bombeiros do condado de Santa Bárbara, o desafio parecia pequeno. Com 64 anos, era magro e vigoroso. Fazia caminhadas em locais agrestes desde o tempo de escoteiro. Nos últimos anos, após retomar o passatempo,

vencera alguns dos picos mais altos do oeste dos Estados Unidos. Comparado ao Monte Whitney ou ao Monte Langley, com mais de 4.200 metros de altitude, aquilo não era nada.

Cerena Childress, 67 anos, era apaixonada pela vida ao ar livre e a mais experiente do clube informal de mochileiros que criara na sua igreja com Birde e Bishop. Ainda assim, não era mais tão ágil quanto antigamente. “Essas pedras parecem boas para quebrar pernas”, disse ela quando Bishop perguntou se o acompanharia. “Seja como for”, acrescentou, apontando o seu *spaniel* tibetano, que farejava o mato, “Clover não conseguiria. Fico esperando aqui.”

Bishop tirou a mochila para não atrapalhar o equilíbrio no terreno.

– Vou até lá e tiro algumas fotos. Volto num instantinho.

– Grite se encontrar aquela trilha fácil que vimos na Internet – disse Cerena. – Ou se quebrar a perna.

Bishop riu e partiu, balançando seus bastões de caminhada. O site que tinham consultado antes da viagem mencionara uma rota alternativa até o pico, mas não havia sinal dela enquanto ele subia pelo campo de pedras. Foram necessários apenas 15 minutos para chegar ao cume dentado da montanha, onde um grupo de instrutores e alunos da Outward Bound praticavam rapel. Ele se juntou aos outros, admirando a paisagem maravilhosa da serra. Pôs as mãos junto à boca e gritou para Cerena se unir a ele. Não ouviu resposta.

Quando começou a descer, Bishop notou um sinal: uma pilha de pedras que se costuma usar para marcar uma trilha. Seria o caminho mais fácil? Ele seguiu na direção que a pilha de pedras parecia indicar.

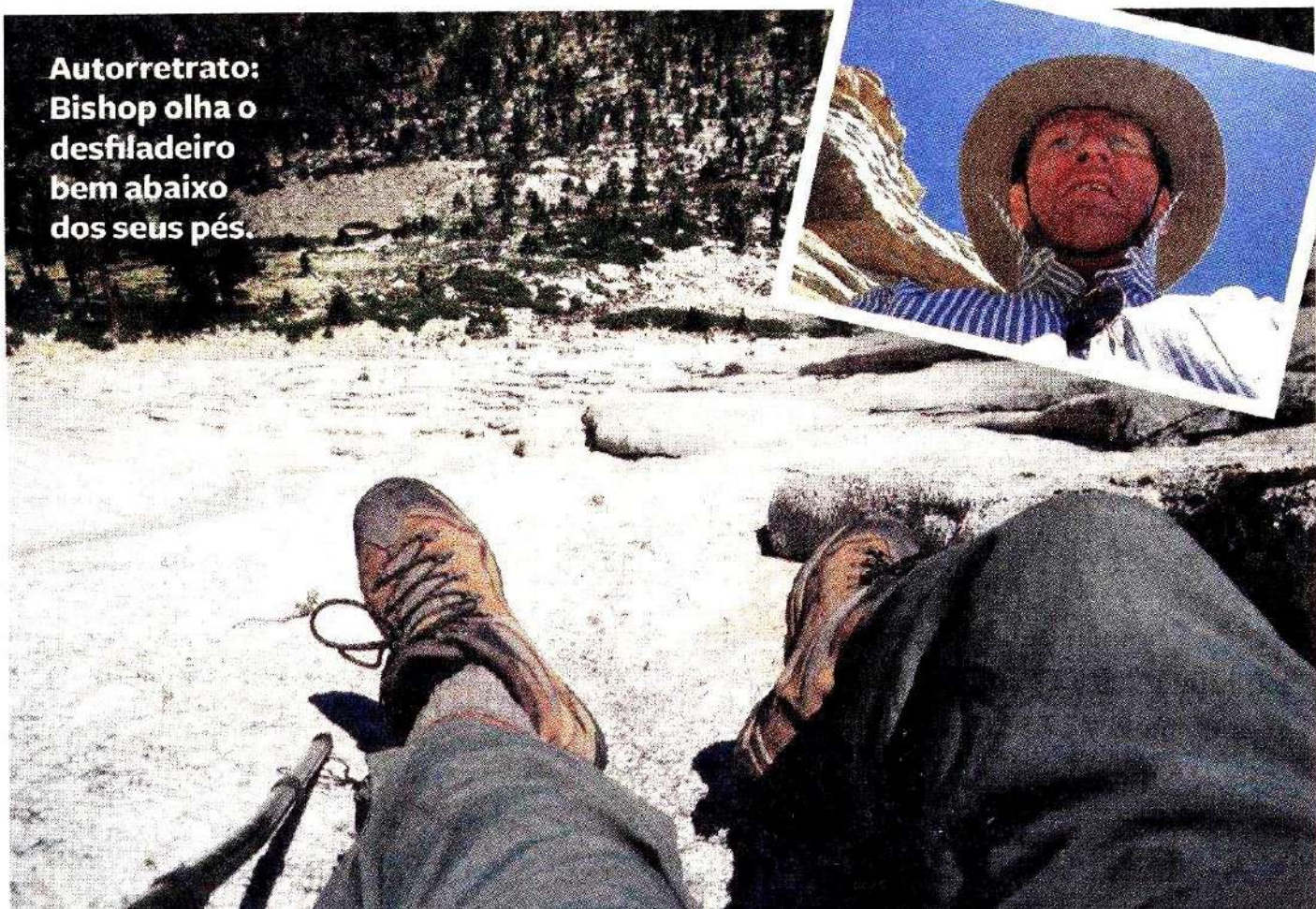
O caminho para descer do pico passou a ficar mais íngreme. Não havia mais marcadores, mas Bishop viu um trecho plano e arenoso uns dez metros abaixo, talvez levasse a uma saída. Logo a encosta ficou quase vertical, e ele teve de usar as mãos para descer.

Então o pé escorregou, e Bishop se viu flutuando no ar.

VISÃO DISTANTE

Zonzo, Bishop ficou deitado na areia tentando recordar o que acontecera. Caíra de apenas três metros e não tinha nenhuma fratura. Mas, quando tocou a parte de trás da cabeça, a mão veio ensanguentada. Bishop puxou algumas toalhas de papel do bolso da calça e enfiou-as debaixo do chapéu de abas largas para cobrir a ferida. Pensou em chamar o grupo da Outward Bound, mas não estava

**Autorretrato:
Bishop olha o
desfiladeiro
bem abaixo
dos seus pés.**



gravemente ferido. E tinha confiança de que conseguiria achar o caminho para descer.

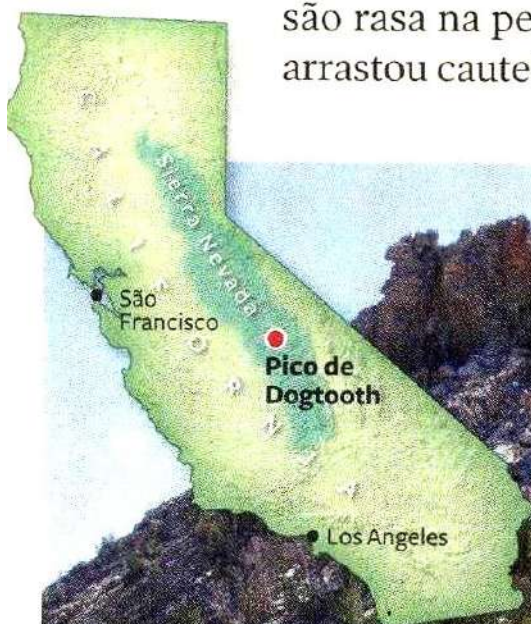
Mas percebeu que essa trilha não era nada fácil. Na verdade, nem parecia haver uma trilha. Subir de volta seria perigoso demais. Mas imaginou que, se descesse mais um pouco, conseguiria contornar a base do pico até onde Cerena o esperava. Ele começou a seguir um canal de drenagem estreito que descia a encosta. Logo chegou a uma vasta extensão de granito, tão íngreme e escorregadia quanto um tobogã, que dava num campo de pedras 200 metros abaixo. Bishop tentou usar a borda de uma laje para se apoiar, mas as botas deslizaram e ele desceu de costas uma distância curta mas aterrorizante. Tentou de novo – e escorregou outra vez.

Logo abaixo dele havia uma depressão rasa na pedra. Ele se arrastou cautelosamente,

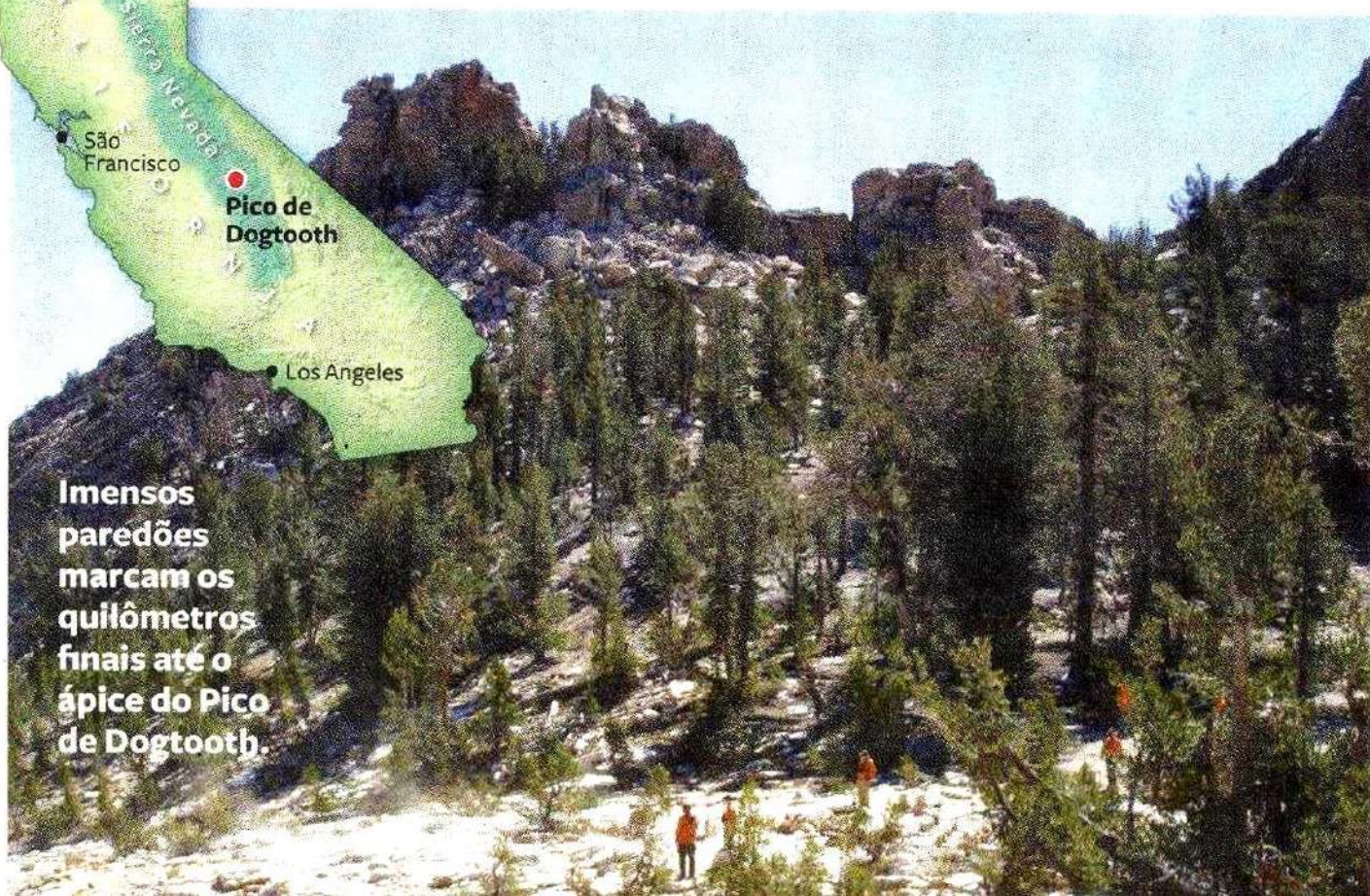
enfiou o quadril na depressão e firmou os bastões de caminhada em duas pequenas rachaduras, para se segurar.

Agarrado à encosta da montanha, começou a entender melhor sua difícil situação. Deixara o celular na barraca, mas de qualquer modo ali não haveria sinal. Tinha um apito de emergência, mas ficara na mochila, assim como o cantil, a granola e o casaco. O sol estava forte no ar rarefeito da montanha, e ele sentia sede. Gritou por socorro, mas a única resposta foi o eco da sua própria voz.

Bishop enfiou a mão no bolso e achou algumas balas de hortelã, a câmera, a agenda e uma caneta. Chupou a bala para combater a secura e tirou uma foto da paisagem e outra do próprio rosto. Eram duas horas da tarde. Na agenda, escreveu à mulher e à filha de 30 anos, começando assim: “Kal e Sarah, amo vocês. Desculpem, não vou conseguir.”



Imensos paredões marcam os quilômetros finais até o ápice do Pico de Dogtooth.



Depois explicou como se metera naquela situação. Se alguém o encontrasse no penhasco, ele queria que a família soubesse o que acontecera.

NA BASE DO PICO de Dogtooth, Cerena se recuperava de um sangramento no nariz, possivelmente causado pela altitude. Mais de uma hora tinha se passado desde que ela pensara ter ouvido Bishop gritar seu nome em algum lugar, mas ainda não havia sinal dele. Ela não ousava subir ao pico para procurá-lo e não havia ninguém a quem pedir ajuda por ali.

Por volta de uma da tarde, ela notou que a pata de Clover sangrava. Teria de levá-lo no colo até o acampamento, e a caminhada seria longa. *Talvez Larry esteja ferido em algum lugar, pensou Cerena. Se assim for, ficar sentada aqui não vai ajudar. Ou talvez ele tenha se decidido por alguma aventura.* De qualquer modo, ela precisava voltar ao acampamento antes de escurecer.

Duas horas depois, quando chegou ao acampamento, soube que Birde também não tinha notícias de Bishop. Era tarde demais para descer e avisar as autoridades.

PALAVRAS DE DESPEDIDA

Larry Bishop se sentiu aliviado quando as sombras cobriram a encosta de rocha e o calor ficou menos violento, mas a temperatura caiu a menos de 15 graus e ele começou a

tremer. De tempos em tempos, gritava por socorro, principalmente para ouvir o som da voz de alguém. Cada vez que um avião passava, tinha uma gota de esperança – já estariam fazendo uma busca? – e depois um jorro de desapontamento. Na agenda, rabiscou observações (“Diante da morte, o mundo parece mesmo lindo”), arrependimentos (“Ah, se eu tivesse trazido o casaco”), decisões (“Darei

DORMIR
seria fatal.
Se relaxasse,
rolaria montanha
abaixo.

valor à água”). Para minimizar o sofrimento, lembrou-se dos outros: da irmã mais velha, que lutava contra o enfisema; dos trabalhadores migrantes que conhecera 40 anos antes, como voluntário do Corpo da Paz em Bornéu, os quais enfrentavam a fome diariamente e carregavam todos os seus pertences nas costas.

Ele sabia que dormir seria fatal. Se relaxasse o corpo, deslizaria bem uns 200 metros montanha abaixo. Assim, quando a noite caiu, começou a cantar todas as músicas que conhecia: dos Beatles, folclóricas, canções de ninar que cantara para a filha quando bebê. A letra de “Help Me Make It Through the Night” (Ajude-me a pas-

sar a noite) assumiu uma urgência especial. Ele observou as constelações no céu e tentou se lembrar de todos os nomes. Para se manter aquecido e evitar câibras musculares, fez exercícios de tai chi chuan, movendo os braços e as pernas até o máximo que sua estranha posição permitia.

Ainda assim, quando o céu a leste ficou rosado, todas as partes do seu corpo doíam. Às cinco e meia da manhã de sexta-feira, ele escreveu o primeiro registro na agenda: “Sobrevivi até o sol nascer.”

MAIS OU MENOS na mesma hora, Cerena e Birde observaram os primeiros raios se esgueirarem pelo tecido das barracas. Nenhuma das duas dormira muito. Na noite anterior, tinham sido informadas por outro campista que o lugar mais próximo para dar um telefonema era o reservatório de Courtright, uma caminhada de uns 15 quilômetros em terreno acidentado. Por caminhar mais rápido, Cerena se ofereceu para ir. Partiu às sete e meia da manhã.

Birde, com Clover, seguiu para a trilha da qual tinham partido, oito

quilômetros a oeste, onde o carro de Bishop aguardava no estacionamento. (Felizmente, ele deixara para trás as chaves.)

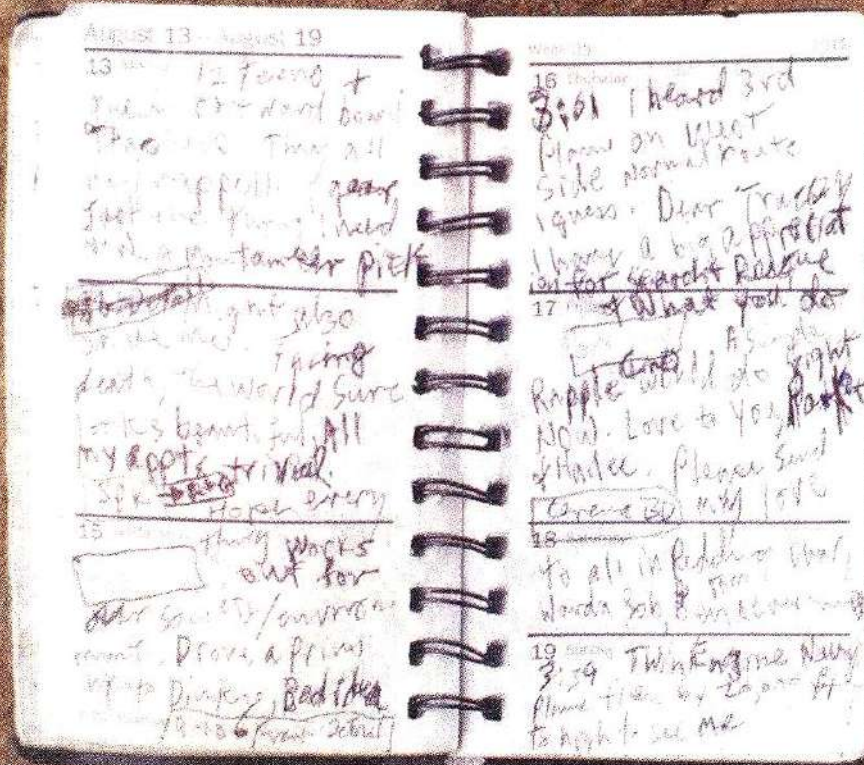
Ao meio-dia e meia, depois de pegar o caminho errado que a forçou a um desvio de quase dez quilômetros, Cerena encontrou a zeladora do reservatório de Courtright. Ofegante, ela contou a história e a mulher ligou para o Departamento do Xerife do condado de Fresno. No fim da tarde de sexta-feira, Cerena e Birde estavam sentadas no início da trilha, observando a equipe de busca se reunir para procurar o amigo.

TRUQUES DA MENTE

Por volta das dez e meia da manhã, Bishop decidiu seguir para outra depressão na pedra, dez metros abaixo, cujas dimensões pareciam mais confortáveis. Calculou que conseguiria atingi-la rolando de barriga e usando os bastões para fazer uma descida controlada. Mas, assim que virou o corpo, a gravidade tomou conta. Ele passou a toda pelo buraco, com uma aceleração de uns cem metros, parando quando seus pés se chocaram com uma pequena elevação.

O coração batia com força, e ele ficou ali vários minutos, conferindo se havia lesões. Por mais incrível que parecesse, os membros ainda estavam intactos, embora o rosto e a parte da frente do corpo estivessem bem esfolados, e os cotovelos doessem muito.

BISHOP
passou a toda pelo buraco e os pés bateram numa pequena elevação.



A agenda de Bishop. Um dos registros diz: "Tentando me aguentar. Caírei para a morte se sair daqui."

As calças também estavam rasgadas, e ele perdera a carteira e os bastões. Devagar, Bishop desceu mais uns 15 metros e parou num pequeno buraco onde cresciam plantas com flores roxas. Ele mastigou uma haste, na esperança de obter alguma umidade, mas isso o deixou com mais sede.

Então continuou até o lugar de descanso mais baixo possível, um buraco no granito que cabia apenas seu quadril, com um apoio abaixo para o pé e outro acima para a mão. A partir dali, sem obstáculos, a encosta despencava os últimos cem metros até o campo de pedregulhos.

Por volta das três da tarde, ele viu um helicóptero passar zumbindo e ficou desesperado porque o aparelho não desacelerou. Então, para seu espanto, avistou algo além das pedras que até aquele momento não notara: um teleférico de esqui abandonado. Havia barracas espalhadas entre os

postes, um homem pintando num cavalete, uma picape. Extasiado, Bishop acenou e gritou, mas, quando voltou a olhar, tudo sumira, só havia pinheiros.

Ele percebeu que fora uma alucinação e que seus sentidos estavam sendo enganados pela desidratação e pela falta de sono. Duas horas depois, viu três helicópteros de cor bege voando em círculos, com homens de óculos escuros olhando para ele. Fez gestos frenéticos e gritou até ficar rouco. Eles sumiram e Bishop percebeu que sua noção de realidade se perdera de novo.

Finalmente, às 19h15, ele viu um helicóptero do Departamento do Xerife de Fresno passar lentamente. Teve absoluta certeza de que era real – e dessa vez estava certo. Mas, com suas roupas de cor neutra em cima de uma pedra cinzenta, ele era um ponto invisível. O piloto não conseguiu avistá-lo.

NA NOITE DE SEXTA-FEIRA, três subdelegados partiram a pé pelo território com voluntários da equipe de busca e resgate de montanha do condado. Eles vasculharam as trilhas até bem depois da meia-noite, à luz de lanternas. Então, logo no amanhecer de sábado, saíram outra vez para procurar. Cerena, que dormira no carro com Birde, se uniu aos esforços naquela manhã e quebrou a mão numa queda pelo caminho.

À tarde, uma equipe achou o grupo da Outward Bound que vira Bishop no Pico de Dogtooth. Depois de saber que ele descera pelo lado leste, eles se concentraram lá. Por volta das quatro da tarde, o subdelegado David Rippe, 30 anos, detetive da Divisão de Crimes na Internet contra Crianças, vasculhava a base do pico quando ouviu um gemido.

– Escutou isso? – perguntou ao subdelegado ao seu lado.

Greg Villanueva concordou. Então apontou a superfície do penhasco e exclamou:

– Ei, estou vendo!

Uma figura minúscula estava pendurada na pedra, claramente lutando para se segurar.

BISHOP CONSEGUIRA ficar acordado durante a segunda noite na pedra, mas, com o passar do dia, não pôde impedir os cochilos. Cada vez que acordava, via que tinha escorregado para um ponto onde apenas um pé e uma mão se agarravam à parede. Continuava se arrastando de volta para o refúgio precário, mas o esforço ficava cada vez mais difícil.

Finalmente, teve um sonho: viu um relógio gigantesco com um único



“Gostaria de subir o Pico de Dogtooth outra vez”, diz Bishop. “Só não conte isso à minha mulher.”

ponteiro que andava para trás, rumo ao zero. Entendeu que o zero era a morte, e a única maneira de impedir que o ponteiro chegasse lá era resistir à vontade de relaxar.

Uma nova ideia lhe ocorreu: *Talvez, se me soltar, eu consiga sobreviver à queda.* Mas, antes que ponderasse a ideia, viu homens de roupa alaranjada correndo rumo ao pé do penhasco.

O RESGATE

Traçar uma rota segura para subir cem metros de granito escorregadio e quase vertical exige muito planejamento. O subdelegado Rippe não tinha tempo para isso. Então, gritou para que todos se afastassem da área diretamente abaixo de Bishop. Chamou um voluntário para acompanhá-lo e começou a subida. Atrás dele, Russ Richardson, gerente de uma empresa de ambulâncias e líder dos voluntários de busca e resgate, subiu por outra rota. A trajetória de Rippe foi mais exata e, em poucos minutos, estava agachado numa saliência logo acima de Bishop, cuja perna tremia com a tensão.

“Estou aqui”, disse Rippe. “Já o peguei. Você está salvo.”

Isso não era de todo verdade. Em primeiro lugar, Rippe tinha de levar Bishop para a saliência onde estava empoleirado, tarefa que punha os dois em risco de despencar do penhasco. Para reduzir essa possibilidade, Rippe improvisou uma tipoia, passando uma correia entre as pernas de Bishop e prendendo-o numa protuberância da

pedra. Firmando a ponta solta com o joelho, agarrou Bishop pelas axilas, torceu para que desse certo e puxou.

Um instante depois, estavam sentados lado a lado. Com a garganta tão seca que mal conseguia falar, Bishop grasnou profusos agradecimentos.

“Você ficou naquela posição o tempo todo?”, perguntou o subdelegado. Bishop tentou responder, mas esgotara as últimas forças.

UM HELICÓPTERO levou Bishop para um hospital de Fresno, onde foi tratado dos machucados e da desidratação, mas recebeu alta naquela mesma tarde. Com Cerena e Birde, passou a noite num hotel próximo. Na manhã seguinte, sua mulher, Kal, saiu de Buellton e dirigiu por quatro horas a fim de buscar o marido e levá-lo para casa.

Ela o repreendeu, mas sabia que a mesma determinação que o levava ao perigo o mantivera agarrado ao penhasco. O próprio Bishop é grato por muitas coisas, a começar pela equipe de busca que o encontrou quando o tempo do relógio se esgotava. Ele também aprendeu algumas lições: “Não ser tão impulsivo. Perceber que tenho limites.”

O subdelegado Rippe aprendeu algo diferente. Essa foi a primeira vez que encontrou com vida um caminhante desaparecido numa situação tão difícil quanto a de Bishop.

“Geralmente, quando chegamos lá, é só para recuperar o corpo”, explica. “Isso mostra que nunca devemos perder as esperanças. Tudo é possível.” ■